

# Depois do fogo: ações e reações do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG ao incêndio na Reserva Técnica 1

André Leandro Silva<sup>1</sup>

Andrei Isnardis Horta<sup>2</sup>

Mariana Petry Cabral<sup>3</sup>

Mariana de Oliveira Lacerda<sup>4</sup>

No dia 15 de junho de 2020, o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG sofreu a maior perda de sua história. Um incêndio atingiu de forma muito grave o conjunto de cinco salas da Reserva Técnica 1. Enquanto os bombeiros controlavam as chamas, nossa equipe já se articulava para dar início ao delicado trabalho de resgate das coleções atingidas.

Ainda no dia 15, iniciamos o diálogo com os peritos criminais da Polícia Federal. A experiência prévia dos policiais no resgate do Museu Nacional foi certamente um fator importante para alinhar o trabalho com a equipe do Museu, o que possibilitou a ação de resgate arqueológico em diálogo direto com a ação pericial. Neste mesmo dia, a equipe de arqueologia articulou uma reunião remota com a equipe do Museu Nacional. Essa aproximação foi essencial para ajudar não apenas na organização do resgate arqueológico, mas também nas estratégias de comunicação e de planejamentos de médio e longo prazo.

Compuseram a equipe de resgate: professoras(es) do Departamento de Antropologia e Arqueologia, que atuam no Museu; estudantes voluntárias(os) de graduação e de pós-graduação em Arqueologia; profissionais voluntárias, com histórico de atuação no Setor de Arqueologia do Museu; o museólogo do MHNJB; professoras do CECOR (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais)

---

1 Museólogo do MHNJB.

2 Professor da UFMG e pesquisador do MHNJB.

3 Professora da UFMG e pesquisadora do MHNJB.

4 Diretora *pro tempore* do MHNJB.

da Escola de Belas Artes; estudantes de pós-graduação da Escola de Belas Artes. Equipe essa que contou com o constante e dedicado apoio do corpo de servidores do Museu e de trabalhadores terceirizados. Em um esforço conjunto que reuniu especialistas de vários departamentos, a UFMG encarou o enorme desafio com o compromisso de realizar o melhor trabalho possível na remoção e recuperação dos acervos queimados.

Assim que a Polícia Federal nos franqueou o acesso às salas, poucos dias após o incêndio, o trabalho teve início. E só seria concluído em setembro, quase três meses depois. A pandemia de Covid 19 exigiu que nosso esforço coletivo fosse realizado de modo a respeitar o distanciamento social, foi, portanto, restrito de abraços, mas pleno de apoio mútuo, e combinou as usuais colheres de pedreiro, pincéis, papéis neutros, caixas, sacos plásticos e máquinas fotográficas às máscaras e ao álcool em gel.

Todo o trabalho foi assessorado pelo Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus da UFMG, que nos orientou a paralisar os trabalhos por mais de uma vez devido aos casos suspeitos de infecção de pessoas próximas da nossa equipe. Devido à pandemia, o museu estava fechado para o público, os servidores estavam em trabalho remoto e apenas a equipe de resgate e o pessoal de apoio estavam autorizados a acessar o museu.

A administração central da universidade criou um Comitê de Governança específico com o objetivo de apoiar ações diversas: compras emergenciais de insumos, logística para adequar os espaços e acolher as peças resgatadas dos escombros, captação de recursos, comunicação com a imprensa. Com esse apoio, foi possível providenciar uma tenda para cobrir a área atingida, adaptar dois espaços para abrigar as reservas técnicas provisórias e equipá-los com mobiliário emergencial, reativar a cantina para fornecer refeições para a equipe.



Figura 1 - Área da reserva.

Fotos: Rogério do Pateo -NAV/UFMG.

Muitos corpos se envolveram e se transformaram no processo, em diferentes escalas. Do prédio às nossas mãos, das prateleiras às nossas pernas, do telhado aos nossos olhos. Força e delicadeza se articularam de muitas formas, entre nós e os seres do acervo: entre ferramentas e gavetas emperradas, entre prateleiras derretidas e peças desabadas, entre mãos, telhas, enxadas, pinças e ossos humanos.

Os recursos humanos, financeiros e logísticos mobilizados foram resultado de uma articulação ampla que ultrapassou os próprios muros da universidade. O Museu recebeu manifestações de solidariedade de pesquisadoras(es) e de instituições nacionais e internacionais, além de recursos mobilizados pela própria UFMG e por instituições como o Sindicato dos Professores (APUBH), a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) e o Programa Ibermuseus.

Todo este aparato forneceu as bases para a realização do resgate emergencial, incluindo não apenas o trabalho delicado na área dos escombros, como será detalhado adiante, mas também o trabalho

igualmente sensível de acondicionamento e organização – ainda que temporários – das peças e vestígios resgatados.

Duas comissões internas foram criadas, sendo uma para coordenar as ações emergenciais e a outra para elaborar um plano, a médio e longo prazos, para a gestão e preservação de acervos. Como resultado do diálogo com a presidência do Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM, e face à necessidade de enfrentar o debate sobre a institucionalização dos Museus Universitários, a reitora da UFMG, professora Sandra Regina Goulart Almeida, propôs a criação de um Grupo de Trabalho sobre o tema no âmbito da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, ANDIFES. O GT, instituído em julho de 2020, reúne dirigentes de 23 instituições federais de ensino.

Duas iniciativas estão em curso visando a reestruturação do museu. Uma delas é o projeto Renasce Museu, selecionado no Edital do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, BNDES, com o objetivo de criar uma plataforma digital, de acesso público e gratuito, para compartilhar informações e fotografias sobre os elementos do acervo, abrindo as coleções para que as histórias que guardamos continuem sendo contadas e lembradas. Um segundo projeto foi aprovado na chamada pública de emenda parlamentar da Gabinetona, experiência de mandato coletivo do PSOL, na câmara dos deputados, para a reconstrução do prédio incendiado. Essas iniciativas estão atualmente em curso e seus desdobramentos serão conhecidos ao longo do ano de 2021.

## **O resgate emergencial e as avaliações iniciais sobre o impacto do incêndio na Reserva Técnica 1**

O incêndio atingiu a Reserva Técnica 1, exatamente o local com as melhores condições de conservação dentre todos os prédios do amplo Museu. Atingiu um espaço de guarda em que se tinham implantado as condições ambientais adequadas: armazenamento em material neutro, umidade e temperatura controladas e permanentemente

monitoradas. Esse era o espaço preparado para conter os elementos mais delicados das coleções.

Ao longo das cinco salas sequenciais da reserva, diversas coleções se distribuíam. Estavam lá os fósseis e ossos não fossilizados da coleção paleontológica. Ali estava a variada coleção Maxakali, com cestaria, cerâmica, peças esculpidas em madeira, contas, fibras, além de peças etnográficas de outros povos indígenas. Estavam lá os roedores, aves e morcegos taxidermizados, além de uma coleção malacológica e de espécimes animais aquáticos em meio líquido. Estavam lá os numerosos e diversos insetos da coleção entomológica, em suas veteranas gavetas de madeira de lei e vidro. Lá também se reuniam algumas peças do Presépio do Pipiripau e a formidável coleção da cerâmica do Jequitinhonha. Na Reserva, se mantinham os materiais arqueológicos orgânicos, o que inclui os vegetais encontrados nas escavações, assim como a fauna, os artefatos arqueológicos em madeira, cabaça, osso, além dos remanescentes ósseos humanos.

Pudemos constatar de imediato que muitos dos elementos, além de queimados, estavam fora de seus lugares, deslocados pelo próprio fogo, pelo desabamento do telhado, pelo derretimento das prateleiras (muitas prateleiras se curvaram e se contorceram sob o calor) e, como logo descobrimos, também impactados pela água usada para combater o incêndio. Muitas peças e conjuntos perderam suas etiquetas e marcações de referência. Nesse cenário, saber de onde provinha o quê, tentar compreender os deslocamentos, era fundamental para recuperar informações de identificação e procedência. A Reserva tinha um mapeamento preciso da distribuição dos elementos e conjuntos em cada móvel, em cada setor de cada prateleira de cada estante. Esse mapeamento nos serviria de guia durante o resgate, permitindo o reconhecimento de conjuntos que se tivessem mantido *in situ* e poderia ajudar a compreender de onde provinham os materiais deslocados.

Decidimos, portanto, implementar um trabalho de resgate com a sistemática de uma escavação arqueológica, em que a equipe de arqueologia se engajou diretamente, produzindo o mapeamento da

distribuição dos elementos no interior das salas e atenta às evidências de desabamentos e deslocamento de prateleiras. Uma vez definida a porção de espaço de que provinha, cada conjunto de materiais foi fotografado *in situ*, referenciado e coletado, seguindo dali para uma sala de acondicionamento temporário, nas condições mais adequadas possíveis ao momento, sob orientação da equipe do CECOR. Provisoriamente reacondicionados, os materiais seguiram para novas áreas no Museu, que foram definidas como reservas técnicas provisórias, onde trabalhamos intensamente para dar-lhes as condições necessárias. O reconhecimento do real estado de conservação ou destruição dos materiais se deu aos poucos, ao longo de todo o trabalho. E ainda prosseguirá, à medida que os materiais forem tratados, no longo trabalho que temos ainda pela frente.

O impacto sobre as diferentes coleções foi diferenciado, em função de como estavam dispostas nas diferentes salas da Reserva Técnica 1. A coleção paleontológica, guardada na menos impactada das salas, escapou sem danos evidentes. A coleção de cerâmica do Jequitinhonha foi afetada pelo calor e pela fuligem, mas não sofreu processos destrutivos. A coleção etnográfica, também atingida pela fuligem e o calor, mas não pelas chamas, foi impactada pelo derretimento dos materiais plásticos que a protegiam e pelas temperaturas altas, mas de modo desigual, certas peças foram muito alteradas, enquanto outras se mantiveram bastante íntegras. O mesmo pode ser dito para a coleção malacológica. A coleção zoológica mantida em meio líquido sofreu bastante, porém alguns espécimes conservaram integridade. As coleções mais intensamente afetadas - e essas sim, de modo muito grave - foram as coleções de materiais arqueológicos orgânicos e as coleções zoológicas de vertebrados e insetos.

A Reserva Técnica 1 guardava a quase totalidade dos materiais orgânicos provenientes de escavações arqueológicas da equipe do Museu, desenvolvidas ao longo dos seus quarenta anos de pesquisas. O acervo incluía uma riquíssima coleção de vegetais (muitos em excepcional estado de conservação) provenientes de escavações arqueológicas de dezenas de diferentes sítios, mas majoritariamente

vindos do Norte de Minas. Ali estavam várias dezenas de esqueletos humanos, de períodos e regiões diferentes, incluindo uma das maiores coleções de esqueletos humanos de mais de 8.000 anos de todo o continente (provenientes de sítios de Lagoa Santa e da Serra do Cipó). Parte desse acervo conservou-se precariamente, ainda que impactado pelo fogo. Parte dele foi serissimamente afetado - muito fraturado, queimado, física e quimicamente alterado. Parte das coleções foi completamente reduzida a cinzas.



Figura 2 - Coleções.

Fotos: Rogério do Pateo - NAV/UFMG.

As transformações dos diversos corpos que compunham a Reserva Técnica 1 foram múltiplas. Fraturas, fuligem, calcinação, estouros e resiliências.

A coleção de roedores e de quirópteros taxidermizados foi intensamente afetada, com a maior parte dos espécimes inteiramente carbonizados. A coleção de aves taxidermizadas, contudo, embora com parte dos elementos bastante impactada, teve muitos de seus exemplares pouco

atingidos. A rica coleção entomológica foi inteiramente carbonizada, seus gaveteiros reduzidos a carvões, cinza e vidros contorcidos.



Figura 3 - Fora da reserva.

Fotos: Rogério do Pateo - NAV/UFMG.

Se a pandemia restringia abraços, muitas foram as formas de cuidado entre os muitos corpos que se envolveram no resgate.

O incêndio na Reserva Técnica 1 é um evento trágico, e seus impactos irão seguir reverberando por muito tempo. Avaliações cuidadosas sobre as condições das peças e de conjuntos estão agora em fase de planejamento, com muito trabalho ainda a ser feito na organização e no armazenamento dos conjuntos retirados dos escombros. De fato, nos parece evidente que ainda estamos em um processo amplo de avaliação de possibilidades e de limites.

## **Para pensar novos caminhos: o movimento de renascer**

O impacto do incêndio não é apenas sobre os acervos, mas sobre a instituição que, diante de uma perda traumática, se vê obrigada a se repensar. Em um museu universitário tudo o que fazemos está condicionado ao *modus operandi* da universidade, que influencia absolutamente todas as dinâmicas do museu, sejam elas administrativas, de pesquisa, de ensino ou de extensão. Portanto, a forma como estão e como serão estabelecidas as relações do Museu de História Natural e Jardim Botânico com a UFMG será fundamental para o sucesso das ações de reestruturação.

O trabalho cotidiano do resgate criou também um espaço de apoio mútuo, dentro e fora da universidade, fortalecendo um senso de equipe que tem se mostrado muito importante na construção de novos caminhos para o Museu. Em todo o processo, o que produzimos como universidade e como servidores públicos nos fortalece e nos dignifica.

Do ponto de vista institucional e operacional, museus se estruturam no tripé: pesquisa, preservação e comunicação e, com isso, constroem conhecimentos sobre um mundo sempre diverso. Assim, um museu se torna uma ferramenta de leitura do mundo e, por isso mesmo, expressa, também, um desejo autorreflexivo de intervenção e de atuação no mundo. Um museu universitário, fundamentalmente, tem esse compromisso de construção e compartilhamento de conhecimento a partir da investigação, fortalecido por essa interseção entre Universidade e Museu.

Se, com o incêndio, o Museu de História Natural e Jardim Botânico perdeu um aporte gigantesco para pesquisa, o que restou nos obriga a seguir em frente pesquisando, produzindo conhecimento, guardando, contando histórias e fazendo valer a vocação de estimular reflexões sobre o mundo, colocando as pessoas em contato direto com o patrimônio cultural e científico preservado. Um museu é ferramenta de relação com a sociedade, um braço importante de interação da

universidade com a sociedade, sendo um potente agente de práticas extensionistas. A ciência da preservação permite a ampliação da permanência de objetos do acervo ao longo do tempo, assim, as pesquisas e o conhecimento produzidos podem ser reinterpretados aos olhos da contemporaneidade, utilizando os acervos como ponto de partida. Universidade e museu ampliam a potência de agir um no outro.

As potências são proporcionais aos desafios. É preciso superar a percepção de que o museu universitário: i) é apenas depositário da materialidade recolhida e produzida em um processo de pesquisa; ii) enclausura coleções nas fronteiras acadêmicas; iii) e que esteja reduzido à função de divulgar um conhecimento científico produzido em gabinetes que não se relaciona com os acervos nem com a sociedade. Percepções como estas são ultrapassadas e reduzem os museus universitários, diminuem seu potencial de atuação, tornam-nos irrelevantes, apáticos e por consequência, invisíveis dentro da robusta estrutura universitária e social.

Diante desse contexto, o projeto Renasce Museu, atualmente em fase de execução, tornou-se um dos caminhos para nos fortalecer no processo de reconstrução. Este projeto visa, num primeiro momento, dar continuidade ao resgate, nos permitindo retornar às coleções atingidas, identificá-las, caracterizá-las, fotografá-las e inseri-las em uma plataforma virtual de acesso público e gratuito. Porém, a ideia de renascer vai muito além.

Um incêndio em um museu, especialmente ao atingir suas coleções, é um evento radical, que expõe de modos igualmente pujantes as fragilidades e as potências, não apenas da instituição, mas também das pessoas. Este processo implica, portanto, uma contínua reflexão sobre o que houve, o que deve ser feito, e o que virá pela frente.

Nos primeiros momentos, as principais questões que nos atingiram envolviam aspectos logísticos e técnicos. Era preciso definir aspectos como cobrir a área para proteger das intempéries, garantir a segurança física do prédio e das pessoas, seguir protocolos de biossegurança em função da pandemia, definir metodologias de registro e coleta

do material resgatado e arranjar espaço e insumos para armazenar este material. Ao mesmo tempo, era preciso gerenciar relações com equipes internas e externas à UFMG, responder à imprensa, alinhar objetivos sobre o que é um resgate de acervos queimados. Logo ficou evidente, no entanto, que nossas questões eram bem mais amplas. Em meio a planejamentos e ações emergenciais, também foi preciso lidar com o luto, com a dor da perda, com o sentimento de impotência. A equipe de arqueologia em especial, responsável direta pela coleta de uma parte expressiva do acervo arqueológico atingido pelo incêndio, precisou encarar a responsabilidade ética na construção – através das pesquisas em campo – das coleções atingidas. Escavar o incêndio, especialmente a sala do acervo arqueológico, foi também lembrar de tantas temporadas de campo, um modo muito duro de rever décadas de atuação. Passada a situação emergencial, tornou-se necessário repensar o alinhamento do Museu no seio da universidade e da própria sociedade, nos colocando, assim, frente à possibilidade de reconstruir um museu ainda mais potente, capaz de ser entendido como essencial para que a universidade cumpra seu papel junto à sociedade.

Ademais, os acervos impactados foram essenciais para expor questões de ordem ética e filosófica, que impactam certamente nossas percepções sobre o próprio papel dos museus e de suas práticas de colecionamento. Dezenas de esqueletos humanos, de contextos arqueológicos indígenas, estavam guardados na Reserva Técnica 1. Resgatá-los dos escombros significou muitas vezes juntar o pó que restava, certamente misturado a cinzas do madeirame do telhado e ao reboco das paredes. Tudo foi recolhido, pois não havia como separar o material humano do material construtivo do prédio. Afinal, estávamos lidando com vestígios de pessoas indígenas que habitaram estas terras em outros tempos. Esta escolha sobre o acervo arqueológico expôs questões sobre os outros acervos. O que fazer quando um especialista olha para o acervo da sua área e afirma: “isto não tem mais relevância científica”? Afinal, como avaliar esta “relevância científica”? Qual o limite e o potencial que acervos queimados têm?

Quais valores essas peças resguardam? O que deve ser descartado e qual a forma adequada de fazê-lo?

Logo ficou evidente que não era possível recolher tudo. Os acervos estavam totalmente misturados com uma infinidade de outros elementos. Havia um telhado inteiro desmoronado, havia cacos de vidro por todos os lados, maçanetas, pregos, lâmpadas, prateleiras e móveis retorcidos. De algum modo, tudo se tornou parte do nosso acervo, mas sabemos que gerenciar este acervo é também uma questão de pensar que compromissos o museu assume a longo prazo, e isso requer escolhas conscientes.

O período decorrido desde aquele trágico 15 de junho, quando interrompemos a quarentena forçada pela pandemia da COVID-19, é simultaneamente longo e curto. É longo quando vislumbramos a intensidade do que vivemos, os aprendizados, as novas relações. Porém ainda é curto para o tanto de movimentos, ações, trocas e construções que conseguimos vislumbrar hoje. A tragédia do incêndio tornou-se, estranhamente, um impulso para seguirmos com o compromisso de fortalecer o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Neste caminho, é também um movimento para fortalecermos juntos a própria existência dos museus universitários, espaços cruciais de produção crítica e de extroversão de conhecimento, e portanto de reflexão sobre quem somos em sociedade.

## **Agradecimentos**

Agradecemos às pessoas que de algum modo se envolveram com as ações de resgate emergencial. Aqui estão elencadas as pessoas que compõem diferentes grupos e instâncias da universidade: Comitê de Governança, Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Manutenção e Operação da Infraestrutura (DEMAI), Escola de Belas Artes, Escola de Ciência da Informação, Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep), Instituto de Ciências Biológicas, Instituto de Geociências, Núcleo de Antropologia Visual

– NAV da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, pessoas externas à UFMG, com trajetórias de atuação e de formação no Museu e na universidade, Servidores Técnico-administrativos em Educação, terceirizados, TV UFMG.

Adair Irias Almeida  
Adriano Carvalho  
Agesilau Neiva Almada  
Alessandra Rosado  
Alessandro Moreira  
Alex Soares  
Alexandre Liparini  
Alexsandra Rosa  
Alfredo Gontijo de Oliveira  
Amanda Cordeiro  
Amanda Diniz  
Ana Carina Utsch  
Ana Carolina Montalvão  
Ana Flávia Machado  
Ana Luiza Galliac  
Ana Panisset  
André di Franco  
André Leandro Gonçalves Silva  
André Prous  
Andrei Isnardis  
Ângelo Pessoa Lima  
Bethania Reis Veloso  
Bruna Damiance  
Carlos Magno Guimarães  
Carolina Ruoso  
Clarisse Jacques  
Cláudia Andréa Mayorga Borges  
Cristiane Martins  
Cristiano Rosa

Deborah Duarte-Talim  
Eduardo de Jesus  
Fábia Pereira Lima  
Fabiano Pinheiro Lima Verçosa  
Felipe Canedo  
Fernando Antônio Mencarelli  
Fernando Perini  
Gabriel Rodrigues  
Giulia Vilela Giovani  
Helton Bonomo  
Inácio dos Santos Pereira  
Isabela Stefanon  
Isac Loyola Amorim  
Jeferson Ezequiel Costa  
Joelson Jesus Amado  
José Rubens Pereira  
Júlia Vargas  
Jussara Vitória Freitas  
Lara de Paula Passos  
Larissa Ferreira  
Lilian Panachuk de Sá  
Letícia Julião  
Lidiane Nunes Alvarenga  
Lorenza Lourenço  
Lorrana Dauari  
Luana Vogel Metzker  
Lucas Melo de Siqueira  
Lucas Soares  
Luciana Bonadio  
Luis Henrique Montovanelli  
Luiz Antonio Cruz Souza  
Luiz Malta  
Mara Chanoca  
Marcelo Vieira Barros

Márcia Almada  
Márcio Antônio da Silva  
Marco Antônio Mendef  
Marcos Fernandes Alves  
Maria Jacqueline Rodet  
Maria Tereza Dantas Moura  
Mariana de Oliveira Lacerda  
Mariana Dutra  
Mariana Petry Cabral  
Marina Costa  
Maurício Freire Garcia  
Olívia Resende  
Pedro Campos  
Pedro Paulo Pereira Pinto  
Raíssa Baldoni  
Rander Mendes de Souza  
Raquel Moura  
Ricardo Hallal Fakurry  
Rita Lages Rodrigues  
Rodrigo O. de Miranda  
Rogério do Pateo  
Samuel do Vale  
Samuel Gomes  
Sara Toja  
Sérgio Luiz Barbosa  
Sueli Aparecida  
Úrsula Zambalde Vitorino  
Vancleber Teixeira Caminhas  
Vanda de Fátima Nunes  
Vanessa da Silva  
Vera Lúcia  
Verona Segantini  
Wesley Dirceu Dias  
Yacy-Ara Froner